

Atravessamentos Estéticos de Tecnicidades e Urbanidades Dilatadas: Dobraduras e Pornotopias¹

Rose de Melo ROCHA²

Programa de Pós-graduação em Comunicação e Práticas de Consumo da ESPM
GT Clacso Infâncias e Juventudes
GP CNPq Juvenália, São Paulo, SP

Cláudia Pereira FERRAZ³

Especialização em Redes Digitais, Política e Cultura da PUCSP
GP CNPq Juvenália, São Paulo, SP

Resumo: escrito em forma ensaística este trabalho visa propiciar debates no âmbito do GT Comunicação, Tecnicidades e Culturas Urbanas focados em um possível campo reflexivo que põe em contato e em rasura as perspectivas das quebras e dobras do urbano, as pornotopias e as tecnicidades. Aciona para tanto autores como Jesus Martín-Barbero, Donna Haraway e Paul Preciado.

Palavras-chave: urbanidade; tecnicidade, pornotopia

Introdução

Apresentaremos neste artigo duas abordagens teóricas convergentes, diretamente relacionadas ao escopo analítico privilegiado no Grupo de Pesquisa Comunicação, Tecnicidades e Culturas Urbanas. Nossa escrita, que se assume ensaística, emerge inicialmente de participações em *lives* organizadas pelo GP, e das quais uma das autoras do texto foi palestrante convidada, e dialoga com avenidas reflexivas trilhadas por ambas as pesquisadoras que a assinam. Assim, em primeiro lugar, problematizamos a aproximação conceitual entre a ideia de “quebras e dobras do urbano” e dimensões tecnoestéticas da experiência urbana, aqui compreendidas em uma perspectiva antropológica e comunicacional.

Dentro deste campo analítico tecemos algumas indagações ou provocações reflexivas que se pretende compartilhar no debate presencial, dando origem, em nossa

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa – Comunicação, Tecnicidades e Culturas Urbanas do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Doutora em Ciências da Comunicação (ECA/USP). Estágios Pós-doutorais pela PUCSP (Antropologia), pela CLACSO (Ciências Sociais, Infâncias e Juventudes) e pela UFBA (NUCUS). Líder do GP CNPq Juvenália. Professora titular do PPGCOM-ESPM., email: rlmrocha@uol.com.br

³ Doutora em Ciências Sociais (PUCSP). Pesquisadora do GP CNPq Juvenália. Professora do curso de Especialização em Redes Digitais, Política e Cultura da PUCSP, email: claudiapferraz7@gmail.com

intenção, a uma publicação posterior em que estes apontamentos possam ser aprofundados. Deste modo, algumas perguntas norteadoras constituem este primeiro material em sua perspectiva dialógica.

Onde a experiência urbana entra em fratura, em cisão? Onde ela se dobra para, plasticamente, refazer e tecer liames? Como a vivência cidadina se dilata desde atravessamentos técnicos, digitais e midiáticos? Os infindáveis aportes tecnoestéticos que emergem da urbanidade nos levam neste caso a considerar como, desde a modernidade, vão sendo dadas voltas a mais nas interfaces entre cidades, espaço público e materialidades infotecnológicas, como, por exemplo, nas mutações comunicacionais da política. É possível a apropriação “contralaboratorial”, na provocação terminológica de Paul Preciado, das cidades e de suas estéticas, das digitalidades e de suas linguagens? Seria a assunção do corpo como ferramenta, como *medium* estético, um destes caminhos artivistas?

Falar de corpo, sexualidade, gênero em espaços de urbanidades requer uma fratura epistemológica que rechaça conclusões categóricas, na medida em que são ambos produtos de “múltiplas tecnologias sociais e discursivas”, direcionados à produção e gestão da verdade e da vida, portanto, não precisam ser repetidas para que se fabriquem identidades (Preciado, 2014). A potência política dos corpos como ferramentas e *medium* estético se denota em corpos fragilizados ou subalternizados perante o sistema normativo de poder, mas não sem potência de insurreição e revolução.

Em segundo lugar, tratamos da provocação acerca de uma “urbanidade pornotópica”, colocando em rasura o coneito foucaultiano de heterotopia, a partir do acionamento da noção de pornotopia elaborada por Paul Preciado. Neste caso, se trata de dar um passo adiante na tese farmacopornográfica do mesmo autor, entendendo os liames pornotópicos estaabelecidos pelo padrão imperativo do gozo. O que se problematiza neste sentido é a união com a captura libidinal e a indústria pornográfica *mainstream*, entendendo como ela busca condicionar corpos e representações, direcionando-as a um modelo ideal de lucro e de visibilidade.

Por outro lado, em relação a corpos lidos como frágeis, desviantes e distantes da categoria dos fortes e vencedores citadinos do espaço urbano, Preciado (2014) observa a potência da revolução justamente pela perspectiva da fragilidade. É nas “quebras e dobras” da urbanidade que a história pode ser reescrita, conforme coloca o filósofo, como

superação da opressão: tratar-se-ia de ressignificar coletivamente a história pelo olhar dos vencidos na cadeia do capitalismo e das normatividades.

Finalmente, a título de conclusão, refletimos sobre as mutações em torno do conceito de tecnicidade que podem ser operadas nos cruzamentos com as dobraduras do urbano e com a potência política do pornotopos. A latinidade barberiana une-se ao *queer*, que igualmente latinizamos. Os caminhos deste possível *queer* latino, que por vezes se nomeia *cuír*, são possíveis desdobramentos de nossa discussão sobre politicidades pronotópicas, ainda a serem desenvolvidas em textos vindouros.

Perspectivas metodológicas

O escopo deste trabalho é essencialmente reflexivo, ou seja, nele mobilizamos conceitos e perspectivas teóricas contemporâneas para refletir sobre algumas das interfaces entre tecnicidades, urbanidades e comunicação. Fortemente ancorado nos estudos sobre culturas juvenis latinoamericanas e na aproximação estético-política de algumas de suas manifestações atuais, visamos levantar caminhos possíveis para refletir sobre configurações do urbano mediadas por tecnicidades e audiovisualidades insurgentes. É desde um olhar “sudaca”⁴ que acionamos, dentre outros, Jesus Martín-Barbero, Paul Preciado e Donna Haraway.

Entendemos, ainda, que tal debate conceitual permite situar as cidades e as tecnicidades como perspectivas epistêmicas, ou seja, essas práticas, vivências e experiências sensíveis mobilizadas por territorialidades urbanas e digitais produzem conhecimento. Esta pedagogia dos fazeres e das politicidades nos servem de matéria prima para a reflexividade.

Cabe reforçar que concebemos o atual cenário sócio-cultural como sendo estruturado no crescente e irrevogável cruzamento de fronteiras (políticas/estéticas/corporais/territoriais), tornando a metáfora ciborgue de Daraway exemplar do espírito de nosso tempo. Corpos humanos, corpos urbanos e corpos tecnológicos encontram-se em estado de contaminação e simbiose o que, sabemos, traz à tona inúmeros paradoxos. Todavia, cumpre dizer o que nos falam nossos objetos

⁴ Sudaca, termo advindo de uma série contemporânea, A Casa de Papel, é ressignificado por algumas perspectivas epistemológicas latino-americanas como a afirmação política de uma alcunha depreciativa, utilizada para se referir a latinos/latinas vivendo em solo europeu. Em direção similar ao que já ocorreu com expressões como o *queer*, o *viado*, a *vadia*, assumir-se *sudaca* é uma afirmação identitária que parte do desvio para propor um olhar situado e próprio de produção de sentido sobre si, sobre os outros, sobre o mundo.

empíricos e nossos e nossas sujeitas de investigação: há algo de político sempre ali, e este escopo político pode, virtualmente, resultar em ações de engajamento, mobilização e transformação social.

Haraway (2014) faz observar a tecnocultura das urbanidades com seus pontos de contato orgânico-tecnológicos nas profundezas da história, do capitalismo e da modernidade, permitindo entender a relação dos corpos políticos com a tecnologia no mundo orgânico e bloquear a oposição binária entre o orgânico e o tecnológico.

Campos problemáticos

Alguns autores e perspectivas teóricas são destacados de modo a oferecer material analítico na abordagem dos seguintes campos problemáticos:

- 1) os atravessamentos estéticos da experiência urbana;
- 2) as indisciplinadas e indisciplinadas relações entre a comunicação e a antropologia;
- 3) as cidades como arenas audiovisuais, materiais, simbólicas;
- 4) as novas maquinarias de produção da sexualidade e de distribuição do poder;
- 5) as relações pornotópicas influenciando a produção e a distribuição do conhecimento desde a emergência do sistema pós-fordista, mediatizado e internacionalizado de produção e gestão da vida;
- 6) as epistemes das quebradas e as pornotopias como campos de ressignificação de urbanidades e tecnicidades.

Compreendendo as cidades como arenas de disputa e de produção de sentido, foi o território urbano lugar em que Preciado (2014) observou o fluxo dos corpos consagrados em sua naturalidade ou castigados, quando desviados dos controles que conduzem as normas, as mentiras e as regulações; tributo da ordem, da força e da violência.

A definição destes campos problemáticos implica ademais em uma tomada de posição que coloca em convergência temas e modos de vê-los, reiterando opções metodológicas comunicacionais e sensoriais. Há, neste sentido, um lugar reflexivo que emerge das territorialidades urbanas, corpóreas e tecnológicas, e este está situado na inseparabilidade entre estética e política.

Desconfiamos pois das totalizações e nos atentamos às brechas, considerando a pedagogia que nelas se dá, em suas camadas de subalternização e emancipação. Igualmente temos claro que as ordens de relação entre sujeitos de investigação e sujeitos de pesquisa, entre pesquisadores e objetos, não são pacíficas, mas nos informam de

tensões, de conflitos, de complexidades. Assim, há uma questão metanarrativa sempre aí: qual o nosso lugar político – e estético – de enunciação?

Quebras e dobras

Associamos as quebras e dobras do urbano a episódios, práticas e fenômenos que emergem e fissuram o urbano, e que, como polos produtores de sentido, podem constituir dissidências de diversas ordens, inclusive epistêmicas. Começemos com a etimologia. Quebra, em latim medieval *crepare*, associa-se a fazer ruído, estalar, mas também pode se associar contemporaneamente a “quebra-quebra”. Dobra, do latim tardio *duplare*, *duplum*, remete a algo que está em dobro, mas também é corriqueiramente utilizado em expressões como “dobrar a língua”.

Dissidência, do latim *dissidentia*, significa discordância, desavença, e nesse sentido ressaltamos que isto se dá em relação a uma norma dominante, mas também pode equivaler ao ato real e simbólico de se manter voluntariamente afastado de algo ou de alguém. As desavenças e dissidências constituem em nosso caminho reflexivo uma *episteme*, do grego, conhecimento fundado; paradigma geral.

Uma quebra e uma dobra podem surgir, como epifania, no caminhar despretenso por ruas e ruelas, despertada por um encontro involuntário ou inesperado com coisas, lugares, pessoas, situações. Podem residir nas fraturas voluntárias de projetos políticos, em um plano de reforma urbana. Na apropriação de territórios por festas e atos políticos contra-hegemônicos. E no olhar de pesquisadores e pesquisadoras que insistem em mirar o banal, o supérfluo, o desviante, o dissensual, o dissidente.

Observando sistematicamente os atravessamentos estéticos da experiência urbana, recorreremos às indisciplinadas e indisciplinadas relações entre a comunicação e a antropologia para compreender as cidades como arenas audiovisuais, materiais e simbólicas, onde se negociam formas de presença e onde se dão as relações entre corpos urbanos e corpos humanos em seus atravessamentos biotecnológicos.

Deslocando nossa visão, nosso olhar-indagação, para as cidades e seus espraiamentos temos notado a potência política de corpos aliançados, lembrando Judith Butler, que resistem e existem na apropriação “tentacular” (Haraway) das regiões fronteiriças e limiares do tecno-estético e do tecno-político. A cidade como território dilatado de luta abrange e se contamina das territorialidades e ferramentas digitais, constituindo, em ativismos e artivismos, utopias “eXtremas” (Canevacci). Assim, algumas narrativas

ativistas e artistas contemporâneas miram a anamnese e a reparação. Cantoras e cineastas, políticas e políticos, coletivos e movimentos populares de base articulam-se, com a renovação de pautas políticas de movimentos históricos desde, por exemplo, a incorporação das pautas de gênero (lgbtquiap+, feministas, transfeministas) e da visada interseccional.

Haraway tem um olhar ficcional que leva a entender a guerra moderna nas cidades como uma orgia ciborguiana, uma profilaxia contra a força e dominação do heterossexismo, uma ficção capaz de mapear a realidade do corpo e da sociedade, um recurso imagético que sugestiona os acoplamentos libertadores das jaulas normativas. Para ela, nosso tempo urbano é mítico com almas e corpos quimeras, e determinantes da própria política corpórea, individualizada e performática. Por isso, o ciborgue pode ser a ontologia dos seres das megalópoles. Afinal, ele condensa o imagético, a matéria e as tecnologias sociais e maquinicas, num jogo de guerra entre as fronteiras em territórios físicos e virtuais de imaginação, produção e reprodução.

Longe da polaridade entre o público e o privado, o ciborgue delimita sua polis nas relações sociais do *oikos*, de modo a reestruturar a natureza e a cultura para impossibilitar a apropriação de uma sobre a outra. É onde as relações para a totalidade se dão entre as partes afim de questionar e rejeitar as dominações de força e hierarquia. Ela ainda direciona o olhar para enxergar o colapso do sistema simbólico da família do patriarca em redes de conexões sem precedentes no mundo ocidental. Segundo ela, no final do ideal de homem sob as estruturas do patriarcado, a mulher acaba se desintegrando em várias mulheres, as quais possuem muitas diferenças carregadas de ludicidade, enquanto outras distinções ainda são oriundas de sistemas históricos mundiais de dominação.

Quebras, dobras, quebradas são observatórios das movidas em busca de um projeto civilizatório alternativo, depatriarcal, com outra base produtiva. Podem elas decolonizar a comunicação? Pode nosso olhar, desfraldado pela visão de misérias e exclusões, desatar os nós do imobilismo? Pode meu corpo, que, com Lapoujade, não aguenta mais, ser interpelado politicamente por outras insuportabilidades? Pode nosso corpo militante de fato se agregar em epifanias de significação outras com, por exemplo, as alteridades que vagam, em eclipse, nas cracolândias da cidade de São Paulo?

Ao flunar pelas ruas e pelas telas que brilham como pequenos sóis individuais com *touch screen*, iluminadas pela radiação do tecnocapitalismo, as vias, as quebradas e periferias apontam o caminho orgânico da libertação, mas já não há energias para a

construção da consciência da opressão, pois sua potência imagética tem mais pressa em viver que se libertar. Haraway inspira a pensar que cidadãos ciborgues da megalópole são simultaneamente animais e máquinas, e habitando o mundo de forma ambígua, são tão naturais quanto fabricados pelos moldes do sistema que se alimenta de exploração, menosprezo, insensibilidade, desamparo, medo e solidão.

Por outro lado, a cidade está repleta de ciborgues que evidenciam as junções entre organismo e máquina com dispositivos e vias próprias, ruas e caminhos internos e externos que levam a sentidos individuais de libertação das grades da ordem colonizadora. Ao contrário do monstro Frankenstein, a condição ciborgue não espera salvação do pai e a restauração do Éden por meio de uma parceria heterossexual ou através da consagração do todo em uma cidade ou em um cosmo já concretizados; não sonha com uma sociedade comunitária baseada nas modulações de uma família orgânica. Pois, estes, são filhos ilegítimos do sistema capitalista patriarcal e como colocava a autora, normalmente, eles dispensam as suas origens.

Há aqui uma remissão involuntária às perspectivas da bastardia de Omár Rincón, pesquisador caro a nossos estudos sobre fenômenos e objetos comunicacionais. Sobre ele já notamos que há que se analisar as estéticas midiáticas (mas também urbanas, pornotópicas) de dentro, visto que tais estéticas nos falam de regimes afetuais, da invenção de um sujeito e da estetização do comportamento público.

Pornotopias

Para a definição de sua perspectiva pornotópica, Paul Preciado parte da concepção foucaultiana “heterotopos”, que lemos como lugares de **alteridade**, como **palimpsestos** de significados, pertencentes à ordem dos **paradoxos**. O pornotopos de Preciado corresponde a um regime de virada, justamente a ponteira da bússola que nos conduziu rumo à sociedade farmacopornográfica.

Nesta, propõe o autor, estamos diante de **novas maquinarias** de produção da sexualidade e de **distribuição do poder**. Preciado considera a Playboy como ícone de um novo tempo, que associamos ao explícito espetacularizado como imagem pública. Reside ali uma **sexualidade para consumo**, uma “domesticidade orquestrada”.

Em uma quebra ou dobradura da pornotopia hegemônica, perguntamos se seria possível caminhar da orgia consumista a uma resistência pornotópica. Desta indagação derivam outras: como esta orgia ordenou e domesticou a gestão do trabalho intelectual?

Como as relações pornotópicas influenciaram a produção e a distribuição do conhecimento desde a emergência do sistema pós-fordista, mediatizado e internacionalizado de produção e gestão da vida?

Nos tornamos reféns do que Preciado percebe como uma subjetividade essencialmente multimidiática e masturbatória? Como produzir pornotopias contralaboratoriais em tempos de OnlyFans, de territorialidades e de corporalidades instagramáveis?

Propomos que um possível caminho esteja em assumir alguns enfrentamentos, que são do plano do deslizar, do indisciplinar e do anti-essencializar, confrontando aos regimes de verdade. Isto porque, em nossa acepção, um saber decolonial e “erótico” (Canevacci) é topos de enfrentamento dos cantos sedutores e opressores da tecnopolítica neoliberal.

E, afinal, parafraseando Jean Baudrillard, o que vem depois da orgia (do consumo e dos signos)? Nesta liturgia insurgente e caosmótica (Félix Guattari), corpos eróticos enfrentam a colonialização do saber e as orgias produtivistas; corpos cognoscentes e sensíveis falham, pulsam e gozam; e produzem saberes corporificados em contracorrente. Em uma cena utópica de pornotopias voluntárias, as resistências pornotópicas criam quilombismos e cuirlombismos utópicos, e o fazem nos corpos/tempos das urbanidades e das tecnicidades.

Em cidadelas, megalópoles e vilarejos haveria uma unidade ciborgue buscando resistência à força global de dominação e ela se demonstra cada vez mais necessária em sociedades mediadas pelas tecnologias. Estes espaços trazem a batalha de outras significâncias, outros exercícios de poderes e de prazeres (Haraway, 2014).

Considerações finais: provocações bio-tecno-estéticas

Onde está hoje o seu corpo? Como ele está? Como você se relaciona com outros corpos? E se a ordem do desejo e a potência erótica for a referência para compreender como hoje se encontra nosso corpo?

A partir de reflexões como esta, pretendemos, nas conclusões de nosso artigo, retomar a conceituação barberiana de tecnicidades, colocando-a em diálogo com as epistemes das quebradas e com os pluriversos pornotópicos.

Reforçamos ainda a epistemologia do ciborgue, a qual remete ao conhecimento da diferença, e não da parcialidade. Ao empenhar-se na direção epistemológica e política, a

perspectiva tende a ser determinada pela importância e pelo significado provindos dos rearranjos que se desdobram em relações sociais que corroboram a outra ordem do espaço, do imaginário e da vida.

Há uma profícua metáfora utilizada por Vilém Flusser que definia o corpo do homem contemporâneo, após a disseminação da comunicação tecnologicamente mediada, como sendo compulsoriamente atravessado, perfurado por fluxos imateriais de alta carga significativa. Esta comunicabilidade que nos atravessa uniria, pelos territórios midiáticos, o dentro e o fora, o tangível e o intangível.

A imagem lembra Paul Preciado, com a apreensão de corpos chicoteados por uma maquinaria farmacopornográfica, que deseja adestrá-los, ensinando-lhes o modo correto de gozar. Neste caso, ou a rebelião se dá com os corpos, ou não se dá. David Lapoujade, leitor de Deleuze, refere-se a um corpo que não suporta mais; de um lado, assediado por fluxos externos de larga intensidade, típicos do voraz capitalismo contemporâneo, audiovisual, intenso, de demandas ininterruptas. Em confronto e tensão com esta demanda, estão igualmente presentes os movimentos, fluxos, ruídos que emergem de processos interiores.

Norval Baitello, por sua vez, problematiza a experiência do corpo imobilizado, que produz um pensamento sentado (sobre glúteos, cadeiras e imagens, diz o autor). Visualizamos um corpo biocibernético, um corpo ciborgue, mas, ainda assim, capaz de afetar e ser afetado. Retomando Flusser e Lapoujade, percebe-se um corpo excessivamente atravessado por fluxos de afetos mediados, que ao mesmo tempo viabilizam e se interpõem ao contato com outros corpos em um escambo lúdico de imagens, flashes, sonhos, selfs, nudes, pensamentos e planejamentos do hoje e do futuro. Corpo que flutua entre o excesso e a escassez. Uma hipótese: o corpo sentado de Baitello, que ele associa à produção de um pensamento imobilista, bem pode ser um corpo que experimenta afetos sentados, mas acionando um vasto campo imaginário.

Nessa direção, também experimenta coletividade: constrói redes de apoio, redes de mobilização, inclusive, sentado em suas casas, planeja e sonha uma nova cidade. Memórias pandêmicas: explode a violência doméstica. Explodem desconexos e intensos uma multiplicidade de encontros. Levantamos dados. Produzimos vídeos de denúncia. Socorremos. Acolhemos.

De fato, talvez nunca tenha sido tão expressiva a possibilidade de tais fluxos constituírem novas utopias. Reuniões políticas. Pesquisas em rede. Artivismos a todo

vapor. Candidaturas coletivas. Lives. Webinars. Conversatórios. Amigos. Família. Crushs. Reuniões. Intermináveis. Memes. Milhares. Choros e risadas. Compartilhados.

Massimo Canevacci propõe como saída para a teoria fazer-se estupefata. Arthur Kroker fala em uma teoria pânico como modo de compreender a hipervisualidade e o niilismo pós-moderno. Chacoalhar o *blasé*, na vida e no modo de pensar, seria a perspectiva. Perguntamos: e se o fizermos deste uma lascívia teórica? E se a ordem do desejo e a potência erótica for a medida para compreender como hoje se encontra nosso corpo?

Como este corpo excitado (Türcke) opera em contracorrente? A que fluxos serve? Que fluxos mobiliza em consciência e ativamente? Corpos entre-casas, entre-ruas, neste tocar imaginário de corporalidades e urbanidades. Esta peculiar situação de intensa vinculação, em alguns casos, e intenso afastamento, em outros, nos permite, desde esta experiência *indoor*, observar a nós mesmos e ao nosso modo de ser e estar no mundo.

Acreditamos na ação transformadora operada por esta consciência de si que, por vezes, é um reclame solitário. Mas acreditamos também na consciência em rede. A estamos produzindo. Com e através de nossos corpos políticos que atuam e imprimem usos às tecnologias urbanas e midiáticas.

Como bem aponta Juliana Gutmann (2014, p.111):

O sentido de tecnicidade não se relaciona à ideia de aparato tecnológico, mas à **competência na linguagem** (MARTÍN-BARBERO, 2004, p.237). São as materialidades no discurso que remetem à constituição de gramáticas que dão origem aos formatos midiáticos, recuperando o original sentido do termo grego *techné*, que remetia ao saber fazer, à habilidade de expressar através de formas materiais, destreza que se atualiza com base nos modos de lidar com a linguagem. A tecnicidade não se refere aos instrumentos, mas aos **saberes**, à constituição de práticas discursivas, aos modos de percepção social. (*grifos nossos*).

Tecnicidades, portanto, além de se vincularem à perspectiva de reconhecer a ação de *inputs* culturais e humanos à técnica, às tecnologias, corroboram o rechaço a qualquer ordem de mediacentrismo ou tecnocentrismo. Atentando-se aos usos e apropriações, mas considerando as materialidades da comunicação, desvela-se a dimensão cultural e processual ativamente acionada nos diferentes usos das tecnologias de comunicação, informação e midiatização.

Considerando, pois, a gênese da técnica no âmbito da modernidade e da metropolização, reconhecendo as tecnicidades imbricadas às urbanidades, miramos, em uma dobradura, o marginal, o maldito. No cruzamento da experiência sensorial de homens

e mulheres modernos entre as ruas e as avenidas do entretenimento – cinema, consumo, vitrines, parques de diversão, ali estão, inapelavelmente, a autonomia relativa da recepção e a potencialidade das novas mídias, que configuram novas sociotécnicas e novas produções de sentido, bem como novos campos de experiência.

E o que seria o marginal? Ele pertence às estratégias de enfrentamento das mediações institucionais (o mercado, o sistema capitalista de produção e consumo de cultura, a massificação da comunicação etc.). Como propõe Fernanda Bruno (2017), na arte das tecnicidades e gambiarras se trata da defesa de uma “apropriação despudorada e inventiva dos objetos técnicos, implicando também um modo de se relacionar com o mundo com potencialidades cognitivas e políticas próprias.”

Uma tecnopoliticidade marginal, das quebras e das dobras associa-se à perspectiva de uma tecnicidade dotada de politicidade, seja esta correspondendo ao que Paulo Freire vinculava à dimensão experiencial e ativa da política do e no cotidiano ou ao que Mario Cerbino propõe como um quê fazer que parte e retorna ao corpo.

Talvez se possa sugerir, a título de provocação/desdobramento final, sobre apropriações despudoradas das tecnologias de gênero e das linguagens artísticas, em uma mediação performativa contralaboratorial. Dando uma volta a mais no parafuso dos ativismos musicais de gênero (Rocha) e dos ativismos das dissidências estéticas de sexualidades e gêneros (Colling), a apropriação inventiva das linguagens e sensóreos tecnocientíficos, technoartísticos e tecnopolíticos estaria situada em termos de uma utopia experimental, lúdica e bastarda. rasurando a gramática identitária e construindo um quilombo tecnodiáspórico.

REFERÊNCIAS

- BAITELLO, Norval. **A serpente, a maçã e o holograma** São Paulo: Paulus, 2010.
_____. A era da iconofagia. São Paulo: Hacker, 2005a.
- BRUNO, Fernanda. Objetos técnicos sem pudor: gambiarra e tecnicidade. *Revista Eco-Pós*, 20(1), 136–149. 2017.
- CANEVACCI, Massimo. **Fetichismos visuais**. Corpos erópticos e metrópole comunicacional. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.
- COLLING, Leandro. A emergência dos ativismos das dissidências sexuais e de gêneros no Brasil da atualidade. *Revista Sala Preta*, v. 18, n.1, p. 152-167, 2018
- FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa-preta** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
_____. **O mundo codificado** São Paulo: Cosac & Naify, 2007.

-
- GUTMANN, Juliana. Entre tecnicidades e ritualidades: formas contemporâneas de performatização da notícia na televisão. *Galáxia* (São Paulo, Online), n. 28, p. 108-120, dez. 2014.
- HARAWAY, Donna. Manifesto Ciborgue *in*: **Antropologia do ciborgue : as vertigens do pós-humano** / organização e tradução Tomaz Tadeu – 2. ed. – Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2009. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4945399/mod_resource/content/1/LIVRO%20Antropologia%20do%20Ciborgue.pdf. Acesso: 11. 08. 2023.
- LAPOUJADE, David. O corpo que não aguenta mais. In: LINS, D.; GADELHA, S. (org.). **Nietzsche e Deleuze: que pode o corpo**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.
- MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Ofício de Cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. São Paulo: Loyola, 2004.
- _____. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e sociedade**. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.
- PRECIADO, Paul. **Texto junquie**. Sexo, drogas e biopolítica. São Paulo: n-1 Edições, 2018.
- _____. **A coragem de ser si mesma**. Trad. UniNômade, 2014. Disponível em: <https://uninomade.net/a-coragem-de-ser-si-mesma/>. Acesso. 14.08.2023
- RINCÓN, Omar. Lo popular en la comunicación: culturas bastardas + ciudadanías celebrities. *In*: AMADO, A.; RINCÓN, O. (eds.). **La comunicación en mutación: remix de discursos**. Bogotá: Centro de Competencia en Comunicación para América Latina, 2015.
- ROCHA, Rose de Melo (org.). **Artivismos musicais de gênero: bandivas, travestis, gays, drags, trans, não-binários**. Salvador: Devires, 2021.
- TÜRCKE, Christoph. **Sociedade excitada**. Filosofia da sensação. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.